

## **INSCRIÇÕES GREGAS E POVOS ITÁLICOS, ALGUNS ESTUDOS DE CASO**

Airton Pollini<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo enfatiza os intercâmbios entre gregos e nativos na Magna Grécia, especialmente quando os últimos utilizam formas de expressão emprestadas do modelo grego, como o uso do alfabeto, de inscrições gravadas ou de moedas. Estes empréstimos podem ser percebidos através de alguns estudos de caso, como o *horos* de Tortora e as emissões monetárias das comunidades itálicas sob a influência de Sybaris. No entanto, estes usos não representam necessariamente a adoção de valores gregos, como mostra a desaprovação do comportamento homossexual tal como o *ostrakon* de Pisticci. Por outro lado, a inscrição na *olpè* de Fratte indica a difusão da prática homossexual no ambiente etrusco da Campânia. A evidência epigráfica constitui assim um tipo de fonte bastante adequado para estudos cujo objetivo é de confrontar fontes textuais e artefatos, já que essas inscrições reúnem, num mesmo objeto, as abordagens de análise da cultural material e textual, com análises nuançadas sobre as modalidades de interação cultural entre os gregos e os nativos.

### **Palavras-chave**

Interação cultural; inscrições; colonização grega; mundo itálico; homoerotismo.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor, Université de Haute Alsace – Mulhouse, França. email: [airton.pollini@uha.fr](mailto:airton.pollini@uha.fr)

## Résumé

L'article insiste sur les échanges entre Grecs et indigènes en Grande-Grèce, notamment lorsque ces derniers utilisent des modes d'expression empruntés du modèle grec, comme l'usage de l'alphabet, d'inscriptions gravées ou de monnaies. Ces emprunts peuvent être perçus à travers certains cas d'études, comme la borne de Tortora et les émissions monétaires des communautés italiennes sous l'influence de Sybaris. Néanmoins, ces usages ne représentent pas forcément l'adoption des valeurs grecques, comme nous montre la réprobation du comportement homosexuel tel que l'*ostrakon* de Pisticci. Inversement, l'inscription sur l'*olpè* de Fratte indique la diffusion de la pratique pédérastique dans le milieu étrusque de la Campanie. Le témoignage épigraphique constitue ainsi un dossier fort adapté pour une analyse qui vise à confronter sources textuelles et artefacts, puisque ces inscriptions réunissent, sur un même objet, les approches d'analyse de la culture matérielle et textuelle, avec des analyses nuancées sur les modalités d'interaction culturelle entre Grecs et indigènes.

## Mots-clés

Interaction culturelle ; inscriptions ; colonisation grecque ; monde italique ; homoérotisme.

## Introdução

Para o estudo da interação entre textos e cultura material, a abordagem relativamente recente da arqueologia histórica fornece um método particularmente relevante (Orser Jr, 2000; Orser Jr, 2002. Ver também Meskell, 2001: 187-213; Lawrence e Shepherd, 2006: 71). Um desenvolvimento aprofundado da sua contribuição metodológica é inútil aqui, mas é interessante recordar as suas principais questões. Com efeito, a arqueologia histórica se inspirou em grande parte das problemáticas da antropologia e das ciências sociais e se concentrava, inicialmente, no estudo da sociedade americana formada após a conquista pelos europeus. Desde então, as possibilidades de aplicação desta abordagem têm-se expandido a todo contexto histórico que permite o confronto entre fontes escritas e cultura material (Funari, 1999; Funari, Zarankin, e Stovel, 2005; Funari, Oliveira, e Zarankin, 2010). Sem estabelecer qualquer hierarquia entre os dois tipos de fontes (Small, 1995a: 4-5; Small, 1999: 122-136; Dyson, 1995: 25-44; Johnson, 1999: 23-36)<sup>1</sup>, sua maior contribuição é a desconstrução de objetos arqueológicos segundo o método literário da interpretação de texto, analisando cada detalhe separadamente para depois reconstruir o conjunto com uma compreensão aprofundada. O objetivo implícito é o de sublinhar alguns temas, tais como a exploração de classe, as diferenças de status, os estudos de gênero. Por conseguinte, a ênfase é dada às relações de poder entre grupos sociais e indivíduos, aos mecanismos de dominação e de resistência<sup>2</sup>. A este respeito, admite-se hoje em dia que os vestígios arqueológicos permitem compreender os traços dos mais baixos estratos sociais, principalmente através de uma análise cuidadosa dos objetos do quotidiano, incluindo especialmente a cerâmica<sup>3</sup>. No nosso caso, é também preciso identificar as relações de interação inter-étnicas, entre os gregos e os povos itálicos.

Nosso ponto de partida consiste em um registro epigráfico que mostra certa vontade de delimitação de um espaço. Se a ideia de uma pedra inscrita que exhibe a menção de um limite (*horos*) parece óbvia, no detalhe, a análise é bem mais complexa. Assim, antes de tratar especificamente do nosso *horos*, é oportuno explicitar as armadilhas que enfrentamos no estudo deste tipo de documento.

---

<sup>1</sup> Para a arqueologia do mundo grego clássico, veja alguns exemplos concretos: Ober, 1995: 91-123; Small, 1995b: 143-174.

<sup>2</sup> Note-se a possibilidade de utilizar abordagens tais como a “Third wave feminists”, Meskell, 2001: 192-194, ou os estudos de gênero, Scott, 1986: 1053-1075.

<sup>3</sup> Veja comentários sobre a possibilidade de usar métodos de arqueologia histórica em outros períodos históricos: Lawrence e Shepherd, 2006: 75; e especialmente para esta transposição aos movimentos coloniais dos gregos, fenícios e romanos: Cunliffe, 2006: 317.

A este respeito, J. Ober (Ober, 1995: 91-123)<sup>4</sup> atenta sobre a grande cautela na interpretação dos sinais materiais dos limites, que devem ser sistematicamente contextualizados. Como tal, o caso de estudo mais conhecido é o dos dois *horoi* da Ágora de Atenas, descobertos em 1938 (I 5510) e 1967 (I 7039) e encontrados *in situ*, o primeiro imediatamente a leste da *tholos*, onde a via oeste da ágora bifurca. A pedra leva, nas laterais superiores e oriental, um pequeno texto: “Eu sou o limite [*horos*] da ágora” (ἥρος εἰμι τῆς ἀγορᾶς). Ambas as inscrições são datadas de *circa* 500 a.C. (Shear, 1939: 205-206; Thompson, 1968: 61-63; comentários em Lalonde, Langdon, e Walbank, 1991, H. 25 e H. 26, p. 27, pl. 2)<sup>5</sup>.

A função de delimitação da ágora parece claro, o que era importante por várias razões. Primeiro, isto servia a demarcar a área do espaço público da praça central e impedia qualquer apropriação privada. Em seguida, essas pedras eram utilizadas em particular para indicar o limite que não devia ser ultrapassado por várias categorias de pessoas cujo acesso à ágora era proibido, especialmente os assassinos ou aqueles atingidos com *atimia*, isto é, a privação dos direitos de cidadão<sup>6</sup>. Como a ágora era a praça pública dedicada a atividades políticas e econômicas, essa proibição de acesso tinha consequências não só para os cidadãos que não podiam mais participar das decisões da comunidade, mas também a outros grupos sociais, incluindo estrangeiros, impedidos de comprar ou vender no mercado. No entanto, desde o final do século V, o primeiro *horos* (I 5510) já estava enterrado e já não servia para delimitar o espaço da ágora, enquanto o segundo (I 7039) foi coberto no século III a.C.

Em primeiro lugar, no caso dos limites da Ágora, para que a enunciação seja funcional, a pedra tem de permanecer no local dos limites que ela indica e o leitor deve ser capaz de identificar o que representa o espaço delimitado, neste caso, a ágora. Além disso, este documento também transmite uma ordem, ou pelo menos, um aviso: o transeunte deve estar ciente das consequências que incorre se ultrapassar esse limite, como no caso de alguém que não tem o direito de acesso à ágora. Aqui, a

---

<sup>4</sup> Especialmente p. 96: “Looking at how several texts treat *horoi*, and examining the *horos* as an ‘artifactual text’ – as a text that is an artifact, and at the same time an artifact that is a text – should help to elucidate some methodological problems involved with moving back and forth between texts and artifacts, history and archaeology”.

<sup>5</sup> Pode-se adicionar ao dossiê um terceiro documento (I 5675), fragmentário ([ἥρος εἰμι τῆς ἀγορᾶς, [*hóros ei]mí tês agorâs*), mas que deve restituir o mesmo texto e a mesma datação, Shear, 1940: 266 e Lalonde, Langdon e Walbank, 1991, H. 27, p. 27. Sobre esses *horoi*, ver os comentários mais recentes de F. Longo *in* Greco, Longo, Di Cesare e Marchiandi, 2014: 1096-1097.

<sup>6</sup> Segundo a interpretação de Hansen, 1976: 55-62, várias passagens indicam as características das sentenças de *atimia*, como a proibição de acesso à ágora, entendida como a praça do mercado, e aos santuários (Lísias, VI *Contra Andócides*, 9 et 24). Ver também Demóstenes, XXII, 77; XXIV, 60; Ésquines, I, 164; II, 148; III, 176.

mensagem está implícita, mas ainda é bastante clara. É relativamente fácil identificar o espaço delimitado pelos *horoi*; sabemos que a autoridade que define o limite é a cidade de Atenas, ou mais precisamente a comunidade de cidadãos atenienses, o *demos*; finalmente, podemos assumir um amplo conhecimento das condições de acesso à ágora e das penalidades para aqueles que as transgridem. Do confronto com o testemunho literário disponível, o pesquisador contemporâneo é capaz de compreender a maioria dos elementos transmitidos por estes documentos. As mesmas condições ocorrem no caso dos *horoi* dos santuários: as condições de acesso, os rituais previstos na entrada e as penalidades para as transgressões deviam ser conhecidos por uma ampla parcela da população.

Em outros casos, no entanto, as muitas pedras que levam somente a menção *horos* constituem documentos muito mais difíceis de interpretar. Aqui, mesmo se as pedras estiverem no local original, a maioria das informações é implícita e impossível a restituir pelo pesquisador contemporâneo: o que é delimitado, a autoridade responsável, as regras de acesso a este espaço, seja ele qual for, e quaisquer penalidades no caso de sua infração.

No caso destes *horoi* bastante lacônicos, eles podiam delimitar áreas públicas, privadas ou sagradas, ou seja, limites de espaços acessíveis à maioria da população ou de propriedades de indivíduos. Por sua vez, nada impede que um *horos* seja movido e, com o mesmo texto, o espaço que ele define possa mudar. Este exemplo mostra claramente que, mesmo no caso de uma menção bastante diretiva e supostamente simples, a sua mensagem depende de um contexto bem mais complexo que apenas a sua datação e a sua localização. Finalmente, as pedras anepigráficas (sem qualquer inscrição) também podiam definir espaços. Neste último caso, todas as informações estão perdidas para nós, uma vez que é praticamente impossível reconhecer as funções de uma pedra, sem qualquer marca particular, mesmo que a sua forma possa, eventualmente, lembrar os *horoi*.

### **Inscrição indígena de Tortora**

Estas observações introdutórias destinam-se a enfatizar as dificuldades de interpretação de documentos epigráficos que parecem, *a priori*, levar uma mensagem clara. No caso de objetos inscritos provenientes de comunidades não-gregas e em contato com as colônias gregas do sul da Itália, estas precauções encontram uma aplicação reforçada.



**Mapa da Magna Grécia e da Sicília, com a indicação das cidades coloniais gregas. © Airtón Pollini.**

Em relação ao dossiê epigráfico na Magna Grécia, os testemunhos à nossa disposição são muito limitados. Entretanto, um *cippus*, descoberto em 1991, em Tortora, no vale do Noce e perto da antiga cidade grega de Laos, merece nossa atenção<sup>7</sup>. A pedra calcária retangular e fragmentária, com aproximadamente 100 kg, tem 67 cm de altura, 37 cm de largura e 21 cm de profundidade e leva um texto escrito em alfabeto grego aqueu, distribuído nos quatro lados com cinco linhas nas as faces mais largas (A e C) e três linhas nos lados curtos (B e D), com uma superfície ilegível (D), assim como duas linhas sobre o lado superior (E)<sup>8</sup>. O texto é escrito em linhas verticais, em escrita *boustrophedon*, e foi datado no final do século

<sup>7</sup> Nossos comentários são baseados na edição crítica da inscrição: Lazzarini e Poccetti, 2001. Sobre o contexto da descoberta, ver La Torre, 1995.

<sup>8</sup> A : [5]ει[.]οΦιοι[15-22]  
 [14-21]φεῖκεδ[.]κ[.]ρε[1-2]  
 [1-2]ισθαδαματεσε[15-18]  
 [1?]επισμοιαννοιΦι[14-19]  
 [13-19]ντρο[.]δοσερΦια[1-2]  
 B : [2]ενς[.]ειφοβετι[.]τοα[.]ιρνενι[19-24]  
 [19-24]οιΦολαισυμοσφιFοδο vac.1φρι[1?]  
 ρτο[1-2]αστεσ[.]ιτερμανι[18-23]  
 C : [1?]τοΦτιδνεπιεσε[14-18]  
 [15-18]σ[.]εδΦολοσφύFοδ vac.3  
 νεπιστα[.]ιοσρτοδ[15-19]  
 [17-20]αα[.]ιρνενια vac.7  
 E : [4-5]νια[.]ε[.]υ[?]  
 [.]αμ[.]ουF [6-9].

VI a.C. O objeto foi encontrado na localidade de San Brancato, em Tortora, a cerca de 150 m de uma necrópole indígena, mas nosso documento, aparentemente, não tem relação direta com esta última. As dimensões da pedra levam a crer em uma localização original provavelmente próxima da área de sua descoberta, em uma pequena colina do planalto de San Brancato. Os *surveys* de superfície não encontraram nenhuma estrutura, mas o material arqueológico sugere a existência de um habitat arcaico localizado entre a necrópole e o local da descoberta da inscrição.

Embora a restituição do texto seja muito complexa, algumas observações são, no entanto, possíveis. Primeiro, as populações locais utilizaram o alfabeto grego, sem mudanças substanciais, para escrever uma língua itálica que se aparenta à raiz do que se tornou o osco mais tarde. Por um lado, a interação cultural entre gregos e nativos é visível, em relação à utilização do alfabeto, desde a época arcaica, por outro lado, a conquista samnita do final do século V pode, sob o aspecto lingüístico, ser nuançada, e intensas relações culturais entre os povos do centro e do sul da península italiana podem ser identificadas já ao menos um século antes. Em segundo lugar, em termos de conteúdo, mesmo sem podermos compreender a totalidade do texto, fragmentário, alguns lemas foram identificados. A linha 3 do lado B nos interessa particularmente. O uso do imperativo em *-tōd* (restituído de *qto*[1-2]) seria característico, em latim e nas línguas itálicas, das disposições normativas de textos jurídicos públicos ou de regulamentos em um contexto religioso, onde nenhuma ligação é estabelecida com uma instituição deliberativa. Em seguida, o elemento lexical *τερμῶνι* [-- pertence à família de *terminus* em latim ou de *τέρμα* / *τέρμων* em grego e, certamente, refere-se à própria pedra como um limite, principalmente com a correlação com o dêitico *εσει* (por segmentação *δ' αστ εσ[ε]ι*), que acentuaria a função de auto-referência do *cippus*. Finalmente, na linha 1 da face C, no plano lexical, *τοϜτιδ* pode ser conectado ao termo *toutā-*, que se refere à organização étnica e política das comunidades itálicas<sup>9</sup>. Aqui, os editores restituíram um composto proposicional que poderia se vincular a *toutā-* para indicar “dentro, fora, em volta, na frente, atrás ou perto da *toutā-*” (Lazzarini e Poccetti, 2001: 159), ou seja, do centro habitado da comunidade. Aqui, há provavelmente um forte sentido identitário de afirmação do grupo social como uma entidade autônoma.

Se o texto completo da mensagem é por enquanto muito obscuro, é interessante notar a existência de uma pedra inscrita que se referia

---

<sup>9</sup> Sobre o termo *toutā-/touto* e sua relação com as definições das comunidades da Itália central, ver Bourdin, 2012: 240-266.

certamente a um limite relativo à comunidade local que exprime sua autonomia. É impossível afirmar com precisão o tipo de espaço que é delimitado, mas é plausível sustentar que se tratava de uma área pública ou sagrada, em todo caso, os elementos restituídos excluem a possibilidade de um espaço em contextos funerário ou privado. A identificação de um imperativo corrobora a interpretação de um *horos* que expõe, em um lugar público ou sagrado, um conteúdo de disposições normativas em relação a uma área delimitada.

Qualquer comentário adicional sobre estas questões seria totalmente aleatório. Todavia, trata-se de um documento excepcional que mostra uma vontade de definição política e identitária de um espaço público ou sagrado de uma comunidade indígena no final do século VI a.C. e que utiliza, para tanto, meios certamente emprestados das práticas gregas: o uso de pedras inscritas e a utilização do alfabeto grego, assim como a ideia mesma de demarcação de espaços coletivos.

### **Moedas e aliança**

A fim de analisar a interação cultural entre gregos e nativos, um dossiê numismático merece ser evocado. Trata-se de certo número de moedas com o símbolo da cidade grega de Síbaris, o touro, mas com os étnicos que se referem a outras comunidades: *Sirinos* e *Pyxoes*; *Ami* ou *Asi*; *Lainos*; *So...*; e *Pal/Mol*. A interpretação da evidência numismática é difícil e tentou-se identificar os lugares referidos por essas moedas como alusões quer para outras cidades gregas sob a influência de Síbaris, como Siris ou Laos, quer para centros indígenas como Pyxunte, Aminaia (Francavilla Marittima?), Sontini<sup>10</sup>, Palinuro e Molpa (Greco e Gasparri, 1995: 73-74; Greco, 1992a: 89-93; De Juliis, 1996: 180; Parise, 2001; por último, Horsnaes, 2011). Se a identificação dos étnicos é difícil, também a datação dessas emissões não é certa e duas fases têm sido propostas: uma primeira série para a legenda *Sirinos-Pyx* no último terço do século VI, e uma segunda série para as legendas *Sirinos-Pyxoes*, *Ami*, *So...* e *Pal/Mol* em torno de 510 a.C. (Taliercio Mensitieri, 2001: 128). Quaisquer que sejam os lugares indicados por essas moedas, a numismática corrobora a noção de uma esfera de influência da cidade grega de Síbaris bastante extensa, incluindo diversas localidades com contatos importantes com a cidade aqueia. Sobre este ponto, a cunhagem de moedas e a adoção de uma iconografia de Síbaris podem ser vistas como um sinal de uma forte interação entre a cidade grega colonial e vários centros indígenas autônomos. Apesar de toda a prudência que essa documentação numismática exige, ela constitui o principal vestígio material para a

---

<sup>10</sup> Sontini é citado por Plínio o Velho, *N.H.*, III, 15 (11), 98.

afirmação do “império” de Síbaris (Greco, 1992b: 463-465), no sentido de uma organização que pode ser comparável ao modelo das hegemonias orientais “por distritos”, o que implica contatos e alguma forma de hierarquia nas relações, mas também uma grande autonomia dos centros indígenas (Bugno, 1999: 7-35, especialmente p. 26)<sup>11</sup>.

Neste sentido, o dossiê deve ser completado com a inscrição encontrada no santuário de Olímpia com um acordo entre Síbaris e os serdaioi, com a garantia de Poseidonia<sup>12</sup>. Se a leitura desta inscrição parece simples, a sua interpretação não é. Na verdade, as discussões têm-se desenvolvido em primeiro lugar em torno das possíveis identificações desses serdaioi e das relações com o “império” de Síbaris, e em relação à datação do tratado (Greco, 1990)<sup>13</sup>. De acordo com a maioria dos comentaristas, o mais plausível é situar este *ethnos* na costa do mar Tirreno, certamente ao sul de Velia, talvez perto de Laos. Quanto à cronologia, nada nos permite resolver definitivamente a questão de saber se o tratado foi elaborado pelos sibaritas antes da destruição de sua cidade pela vizinha Crotone, em 511 a.C., ou pelos refugiados que mantiveram a sua denominação de sibaritas<sup>14</sup>. Esta datação levaria a pensar que o acordo com os serdaioi estava relacionado com a instalação dos sibaritas em Laos e em Skidros, possivelmente em um território concedido por esta comunidade itálica.

O dossiê é em seguida enriquecido por dezessete moedas (MERD-ΣΕΡΔ) atribuídas a uma emissão dos *serdaioi* cuja análise estilística as aproxima das moedas de Poseidonia, apesar das diferenças de padrão de pesos. A datação proposta estabelece um intervalo entre 510 e 490 a.C. (Brousseau,

---

<sup>11</sup> A principal fonte é a passagem de Estrabão (VI, 1, 13) sobre o poderio da cidade de Síbaris, que comandaria quatro nações e teria como súditas vinte e cinco cidades: ὡς τεττάρων μὲν ἔθνῶν τῶν πλησίον ὑπῆρξε, πέντε δὲ καὶ εἴκοσι πόλεις ὑπηκόους ἔσχε.

<sup>12</sup> ἀρμόχθεν οἱ Συβαριῖ-  
ται κ' οἱ σύνμαχοι κ' οἱ  
Σερδαῖοι ἐπὶ φιλότατ-  
ι πιστᾶι κ' ἀδόλοι ἀε-  
ίδιον. πρόξενοι ὁ Ζε-  
ὺς κ' Ὀπόλον κ' ἄλλοι θ-  
εοὶ καὶ πόλις Ποσειδα-  
νία.

SEG 22, 1967, n. 336, museu de Olímpia, B. 4750. “Uniram-se os Sibaritas e seus aliados e os Serdaioi em amizade fiel e confiante, para sempre. São testemunhos Zeus, Apolo, os outros deuses e a cidade de Poseidonia” (trad. Bertrand). Cf. Van Effenterre e Ruzé, 1994, n. 42, p. 174-177; Dubois, 2002, n. 12, p. 36-40; Bertrand, 2004, n. 8, p. 36-37 et *Nouveau choix* 2005, n. 16, p. 95-97. Ver interpretação do vocabulário da inscrição em Giangiulio, 1992 e Bugno, 2001: 322-325.

<sup>13</sup> Ver um balanço das discussões em Polosa, 2000. Mais recentemente, ver Lombardo, 2008 e Greco, 2013.

<sup>14</sup> M. Lombardo enfatiza a análise paleográfica das formas das letras que induz a uma cronologia situada entre a última década do século VI e o início do V a.C., e argumentos históricos, para propor uma datação após a derrota de 511/510 a.C. Lombardo, 2008: 55. Ver também Dubois, 2002: 36-38.

2010)<sup>15</sup> e, assim, contribui para a hipótese da cronologia baixa para o tratado. Em todo caso, seguimos a observação do M. Lombardo sobre a necessidade de analisar os documentos segundo a cronologia e de forma dinâmica (Lombardo, 2008: 51).

De toda forma e independentemente das divergências na exegese das fontes, o dossiê indica claramente as fortes formas de interação cultural entre colonos gregos e as comunidades indígenas. Os documentos ligados ao “império” de Síbaris permitem observar o uso dos códigos de afirmação identitária, como a emissão de moedas e a aposição de étnicos, *a fortiori* no alfabeto grego, segundo um modelo grego mas utilizado pelas comunidades indígenas.

### **Uma condenação da pederastia em Pisticci**

No interior das terras próximas à cidade grega de Metapontum, a análise fina da cultura material proveniente do sítio de Pisticci (Osanna, 1992: 83-84, n. 18; Barberis, 1999: 75, n. A40; Castoldi, 2007; Bottini e Lecce, 2013: 50-54)<sup>16</sup> também permite comentários sobre a interação entre os gregos e os nativos da Itália meridional.

O núcleo indígena de Pisticci mostra sinais de uma presença significativa e contínua desde a idade do ferro e durante todo o século VI, sem intervenção direta dos gregos. A instalação segue um modelo policêntrico, conhecido em outros lugares em terras itálicas, com pelo menos três áreas de habitat e sua necrópole associada. Com efeito, uma área de habitat em S. Maria del Casale possui uma necrópole, com tumbas de vários núcleos distribuídos em toda a faixa cronológica de ocupação do sítio. Na localidade de S. Leonardo, especialmente, o material das sepulturas consiste em cerâmica nativa, fragmentos de lança de bronze e de espada de ferro em sepulturas masculinas assim como de ricas jóias de bronze nas tumbas femininas. Entre os séculos VII e VI, a cerâmica indígena, com decoração geométrica e sem decoração, e a cerâmica de produção colonial grega, estão dispostas juntamente a grande número de vasos gregos de importação, especialmente nos setores de Via Di Giulio e de Matino Soprano. Na segunda metade do século VI, uma forte influência grega se verifica e, nas encostas da colina, foram encontrados numerosos fragmentos de vasos com figuras negras e vermelhas e objetos de bronze. Finalmente, grande número de sepulturas situadas em várias áreas do centro moderno de Pisticci cobrem uma vasta faixa cronológica, do século V ao IV a.C. Na virada do século, os vasos

---

<sup>15</sup> A partir dos aspectos estilísticos e devido à técnica do duplo relevo.

<sup>16</sup> O território entre Pisticci e Ferrandina é objeto de pesquisas da Universidade de Milão, sob a direção de M. Castoldi.

gregos de importação, sobretudo áticos, são substituídos por vasos de produção colonial local<sup>17</sup>, incluindo principalmente objetos de origem ápula.

A presença indígena em Pisticci é importante o suficiente para que M. Osanna (Osanna, 1992: 54) proponha a impossibilidade de uma ocupação grega não só neste sítio, mas também em toda a área circundante. Assim, uma hipótese antiga que identificava aqui um *phrourion* foi completamente abandonada.

Esta hipótese de uma fortificação se baseava na descoberta de um *ostrakon*, onde se lê κατάπυ[ον] (infame, depravado), no alfabeto aqueu, interpretado como uma alusão à pederastia. É importante salientar que a existência de um objeto inscrito em grego e, provavelmente, com uma indicação da prática da pederastia não deve conduzir diretamente para a identificação da presença de um núcleo de população grega, muito menos um grupo de *peripoloi* em uma fortaleza (Tagliente e Lombardo, 1985; Bottini e Lecce, 2013: 54).

De fato, as interações culturais entre os gregos e os nativos podem assumir várias formas. O mais interessante aqui é a condenação de certa prática bastante comum no mundo grego, mas feita de acordo com os códigos de expressão de um modelo grego. O uso de um *ostrakon*, do alfabeto e até mesmo da língua grega não implica a adoção de certa prática. Assim, vemos o uso dos códigos emprestados de uma cultura para condenar uma prática que é muitas vezes associada a essa mesma cultura.

### **Homoerotismo entre gregos e nativos em Fratte**

Em uma interpretação inversa àquela do *ostrakon* de Pisticci, isto é, a evidência de uma prática pederástica por pessoas de diferentes origens étnicas, uma inscrição proveniente de uma tumba de Fratte pode levar a uma análise mais matizada.

De fato, as sepulturas de Fratte (Greco e Pontrandolfo, 1990) representam um dos melhores exemplos da influência de Poseidonia na Campânia. Esta influência grega é visível não só no comércio, mas também nos contatos culturais, ou mesmo privados. A descoberta em 1963 de uma inscrição em alfabeto aqueu em uma pequena *olpè* datada do primeiro quarto do século V na sepultura vinte e seis é muito significativa. O

---

<sup>17</sup> A este respeito, é interessante recordar que o primeiro pintor conhecido da região de Metapontum é o pintor de Pisticci, independentemente da incapacidade de determinar com precisão a sua origem, cf. Denoyelle, 1997. Ver também Denoyelle e Iozzo, 2009.

estudo cuidadoso do próprio vaso identificou sua produção na cidade grega vizinha de Poseidonia e ele recebeu a inscrição antes do cozimento, em uma oficina poseidoniata. Além da simples presença de material cerâmico grego nas tumbas de Fratte, essa inscrição também fornece informações sobre as relações privadas entre pessoas de diferentes grupos étnicos.

O texto, em alfabeto aqueu, comparável às inscrições dialetais de Poseidonia (Arena, 1996; Dubois, 2002), é o seguinte:

αππολοδορος·ξυλλας·εραται·Φολχας·απυγιζε·αππολοδορον·  
ονατας·νιξος·εραται·Ηυβριχος·παρμυνιος·ηραται·

A interpretação dada por A. Pontrandolfo (Pontrandolfo, 1987: 58-59) restitui duas frases: “Apollodoros ama Ksyllas / Vulkhas sodomiza Apolodoros” e “Onatas ama Niksos / Ybrikhos amou Parmynios”. O estudo da onomástica mostra em primeiro lugar a presença de pelo menos cinco pessoas de sexo masculino (Apolodoro duas vezes, Vulkhas, Onatas, Ybrikhos e Parmynios), enquanto que Ksylla e Niksos devem ser nomes femininos. Estes nomes de mulheres assim como Ybrikhos e Parmynios estão ausentes do repertório onomástico grego, perfazendo um total de quatro nomes próprios sem uma origem determinada. Tratam-se provavelmente de nomes itálicos transcritos à maneira grega. Apolodoros, presente duas vezes, e Onatas são nomes gregos mais ou menos comuns e Vulkhas refere-se certamente a um nome etrusco.

Além da etnia das personagens, esta *olpè* indica elementos culturais de ampla circulação no Mediterrâneo: o consumo de vinho, já que essa forma de cerâmica está associada ao *symposion*, assim como a prática da pederastia. A *olpè* é um vaso relativamente marginal no serviço do banquete, mas o conjunto dos objetos da tumba, com *kylix* e *skyphos* refere-se, sem nenhuma dúvida, ao consumo de vinho. Além disso, a prática da pederastia, claramente descrita pelo texto da inscrição, conduz à identificação do *symposion* de tipo grego, e não da forma etrusca do banquete<sup>18</sup>.

Como observado por A. Pontrandolfo, esta *olpè* inscrita é importante porque atesta as relações recíprocas que vão além do simples comércio, sobre o qual já estamos suficientemente informados por outras fontes (Pontrandolfo, 1987: 62-63)<sup>19</sup>. De fato, as primeiras importações de

<sup>18</sup> Sobre uma abordagem comparada das diferentes formas de banquete e do consumo de vinho no antigo Mediterrâneo, ver especialmente Esposito, 2015.

<sup>19</sup> A autora também se refere a outra inscrição grega encontrada em uma tumba em Pontecagnano, que leva o nome *Dymeia* no genitivo. A peculiaridade da inscrição de Fratte, em comparação com aquela de Pontecagnano, é precisamente a capacidade de ligá-la a certas

material cerâmico grego no ambiente etrusco-campano são datadas no segundo quarto do século VIII e demonstram um intenso comércio entre os núcleos indígenas e as primeiras colônias gregas estabelecidas nas costas do Tirreno<sup>20</sup>.

Assim, este documento excepcional reflete vários marcadores de interação cultural. O objeto em si, a *olpè*, é um vaso de importação da cidade grega vizinha de Poseidonia. Em seguida, o conjunto dos objetos da tumba pertence ao serviço do banquete, mas a menção da pederastia refere-se à prática do *symposion* de tipo grego e não às formas etruscas do banquete. Além disso, o estudo onomástico identifica as pessoas mencionadas como sendo homens e mulheres, de origem grega, etrusca e nativa. Finalmente, o objeto em si reflete relações complexas já que foi fabricado e inscrito em uma oficina da cidade grega de Poseidonia, mas ele compôs a mobília de uma sepultura de Fratte, cidade etrusca de Campania.

## Conclusão

Os quatro casos estudados, a inscrição de Tortora, o dossiê numismático das comunidades sob a influência do “império” de Sybaris, o *ostrakon* de Pisticci e a *olpè* de Fratte, mostram diferentes formas de interação cultural e inter-étnica no contexto colonial da Itália meridional. Todos destacam certas formas de expressão levadas pelos colonos gregos e usadas por comunidades itálicas: em primeiro lugar, a utilização do alfabeto grego, mas também o uso de inscrições, e ainda mais de *horoi* inscritos, de moedas com a indicação dos étnicos, das práticas da pederastia e do banquete de tipo grego.

Esses objetos e textos em contexto mostraram nuances importantes na interpretação dos empréstimos destas formas de expressão. Em primeiro lugar, a sua utilização não implica necessariamente a aceitação dos valores gregos. Por outro lado, as comunidades itálicas podem optar, no que diz respeito a algumas práticas como o banquete, pelas formas gregas em vez daquelas predominantemente utilizadas em seu ambiente cultural habitual, refletindo uma adesão mais completa aos costumes gregos. Mas a característica mais notável é provavelmente o uso de formas gregas cuja função era a afirmação da autonomia política das comunidades itálicas. Trata-se, portanto, de um movimento de alguma forma dialético, onde os

---

práticas culturais em um ambiente nativo. Este elemento deve ser relacionado, entre outros, com as implicações “étnicas” da iconografia da tumba do Mergulhador de Poseidonia.

<sup>20</sup> Sobre o comércio etrusco na época arcaica, ver Gras, 1985, especialmente sobre Pontecagnano ver p. 486-488.

nativos utilizam os meios de expressão de tipo grego para marcar a sua independência, pelo menos relativa, em relação às cidades gregas.

Em última análise, vemos que o estudo de documentos segundo a abordagem da arqueologia histórica, onde se confrontam textos e cultura material, sem hierarquia entre os tipos de fontes, oferece a possibilidade de identificar mensagens ambivalentes, onde a forma e o conteúdo são analisados em paralelo e podem mostrar as complexas interações entre populações de diferentes origens.

## **Bibliografia**

ARENA, Renato. 1996. *Iscrizioni greche arcaiche di Sicilia e Magna Grecia. IV : Iscrizioni delle colonie achee*, Alessandria: Edizioni dell'Orso.

BARBERIS, Valentina. 1999. « I siti tra Sinni e Bradano dall'età arcaica all'età ellenistica: schede », in BARRA BAGNASCO, Marcella, DE MIRO, Ernesto e PINZONE, Antonino (orgs.), *Magna Grecia e Sicilia. Stato degli studi e prospettive di ricerca*, Magna Grecia e Sicilia. Stato degli studi e prospettive di ricerca:59-105, Messine: Di.Sc.A.M.

BERTRAND, Jean-Marie. 2004. *Inscriptions historiques grecques*. La Roue à livres / documents, Paris: Les Belles Lettres. Primeira edição, 1992.

BOTTINI, Angelo e LECCE, Lucia. 2013. « La mesogaia lucana e il caso di Pisticci. », in TODISCO, Luigi (org.), *La comunicazione verbale tra Greci e indigeni in Apulia nel V-IV secolo a. C. : quali elementi?*, La comunicazione verbale tra Greci e indigeni in Apulia nel V-IV secolo a. C. : quali elementi?:45-60, Naples: Loffredo.

BOURDIN, Stéphane. 2012. *Les peuples de l'Italie préromaine : identités, territoires et relations inter-ethniques en Italie centrale et septentrionale (VIII<sup>e</sup>-I<sup>er</sup> s. av. J.-C.)*. Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, 350, Rome: École française de Rome.

BROUSSEAU, Louis. 2010. « Le monnayage des Serdaioi revisité ». *Revue numismatique*, 166, p. 257-285.

BUGNO, Maurizio. 1999. *Da Sibari a Turi. La fine di un impero*. Études. III, Naples: Centre Jean Bérard.

\_\_\_\_\_. 2001. « Strabone VI, 1, 13 C. 263 e l'ἀρχή di Sibari », in BUGNO, Maurizio e MASSERIA, Concetta (orgs.), *Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C.*, Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C.:303-327, Naples: Loffredo.

CASTOLDI, Marina. 2007. « Nuove indagini archeologiche nel Metapontino, tra Pisticci e Ferrandina ». *Acme, Anali della fcoltà di lettere e filosofia dell' Università di Milano*, 60, 1, p. 249-260.

CUNLIFFE, Barry. 2006. « Afterword: historical archaeology in the wider discipline », in HICKS, Dan e BEAUDRY, Mary C. (orgs.), *The Cambridge companion to Historical archaeology*, The Cambridge companion to Historical archaeology:314-319, Cambridge: Cambridge University Press.

DE JULIIS, Ettore Maria. 1996. *Magna Grecia. L'Italia meridionale dalle origini leggendarie alla conquista romana*. Temi e luoghi del mondo antico. 2, Bari: Edipuglia.

DENOYELLE, Martine. 1997. « Attic or non-Attic? The case of the Pisticci Painter », in OAKLEY, John Howard, COULSON, William D. E. e PALAGIA, Olga (orgs.), *Athenian potters and painters : the conference proceedings*, Athenian potters and painters : the conference proceedings:395-405, Oxford: Oxbow books.

DENOYELLE, Martine e IOZZO, Mario. 2009. *La céramique grecque d'Italie méridionale et de Sicile : productions coloniales et apparentées du VIII<sup>e</sup> au III<sup>e</sup> siècle av. J.-C.* Les Manuels d'art et d'archéologie antiques. La céramique grecque, 4, Paris: Picard.

DUBOIS, Laurent. 2002. *Inscriptions grecques dialectales de Grande Grèce. Tome II, Colonies achéennes*. Hautes études du monde gréco-romain, 30, Genève: Droz.

DYSON, Stephen. 1995. « Is there a text in this site? », in SMALL, David B. (org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology:25-44, Leiden: Brill.

ESPOSITO, Arianna (org.) 2015. *Autour du "banquet" : modèles de consommation et usages sociaux*, Sociétés, Dijon: Éditions universitaires de Dijon.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. 1999. « Historical archaeology from a world perspective », in FUNARI, Pedro Paulo Abreu, HALL, Martin e JONES, Siân (orgs.), *Historical Archaeology: back from the edge*, Historical Archaeology: back from the edge:37-66, Londres: Routledge.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu, OLIVEIRA, Nanci, e ZARANKIN, Andrés (orgs.). 2010. *Contemporary issues in historical archaeology*, Proceedings of

the XV world congress, Lisbon, 4-9 september 2006, Oxford: Archaeopress.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu, ZARANKIN, Andrés, e STOVEL, Emily (orgs.). 2005. *Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts*, New York: Kluwer academic/Plenum publishers.

GIANGIULIO, Maurizio. 1992. « La φιλότης tra Sibariti e Serdaioi (Meiggs-Lewis, 10) ». *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 93, p. 31-44.

GRAS, Michel. 1985. *Trafics tyrréniens archaïques*. Bibliothèques des écoles françaises d'Athènes et de Rome. 258, Rome: École Française de Rome.

GRECO, Emanuele. 1990. « Serdaioi ». *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli, Sezioni di Archeologia e storia antica*, p. 39-57.

\_\_\_\_\_. 1992a. *Archeologia della Magna Grecia*, Rome-Bari: Laterza.

\_\_\_\_\_. 1992b. «L'impero di Sibari: bilancio archeologico-topografico». in *Sibari e la Sibaritide. Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia*. XXXII:459-485, Tarente: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia.

\_\_\_\_\_. 2013. « Sul cosiddetto 'impero' di Sibari fino alla tirannide di Telys ed alla distruzione della città », in DELIA, GIORGIO e MASNERI, TULLIO (orgs.), *Sibari : archeologia, storia, metafora*, Sibari : archeologia, storia, metafora:197-203, Castrovillari: Il coscile.

GRECO, Emanuele e GASPARRI, Domenico (orgs.). 1995. *Laos, Città e territorio nelle colonie greche d'Occidente*, 2, Tarente: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia.

GRECO, Emanuele, LONGO, Fausto, DI CESARE, Riccardo, e MARCHIANDI, Daniela (orgs.). 2014. *Topografia di Atene : sviluppo urbano e monumenti dalle origini al III secolo d.C. Tomo 3, Quartieri a nord e a nord-est dell'Acropoli e Agora del Ceramico*, GRECO, Emanuele (org.), *Studi di archeologia e di topografia di Atene e dell'Attica (SATAA)*, 1.3, 2 vols., Athènes: Scuola Archeologica Italiana di Atene.

GRECO, Giovanna e PONTRANDOLFO, Angela (orgs.). 1990. *Fratte un insediamento etrusco-campano*, Modena: Franco Cosimo Panini.

HANSEN, Mogens Herman. 1976. *Apagoge, endeixis and ephegesis against kakourgoi, atimoi and pheugontes : a study in the athenian administration of justice in the fourth century*. Odense University classical studies, 8, Odense: Odense University Press.

HORSNAES, Helle W. 2011. « Coinages of indigenous communities in archaic Southern Italy - the mint as a means of promoting identity? », in GLEBA, Margarita e HORSNAES, Helle W. (orgs.), *Communicating identity in Italic Iron age communities*, Communicating identity in Italic Iron age communities:197-209, Oxford: Oxbow books.

JOHNSON, Matthew H. 1999. « Rethinking historical archaeology », in FUNARI, Pedro Paulo Abreu, HALL, Martin e JONES, Siân (orgs.), *Historical Archaeology: back from the edge*, Historical Archaeology: back from the edge:23-36, Londres: Routledge.

LA TORRE, Gioacchino Francesco. 1995. « L'iscrizione di San Brancato », in LA TORRE, Gioacchino Francesco (org.), *Nuove testimonianze di archeologia calabrese : greci, indigeni e romani nell'Alto Tirreno Cosentino*, Nuove testimonianze di archeologia calabrese : greci, indigeni e romani nell'Alto Tirreno Cosentino:29-31, Rome: Stampa Recografica.

LALONDE, Gerald V., LANGDON, Merle K., e WALBANK, Michael B. 1991. *Inscriptions : horoi, poletai records, leases of public lands*. The Athenian agora, 19, Princeton: American School of Classical Studies at Athens.

LAWRENCE, Susan e SHEPHERD, Nick. 2006. « Historical archaeology and colonialism », in HICKS, Dan e BEAUDRY, Mary C. (orgs.), *The Cambridge companion to historical archaeology*, The Cambridge companion to historical archaeology:69-86, Cambridge: Cambridge University Press.

LAZZARINI, Maria Letizia e POCETTI, Paolo. 2001. *Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C. L'iscrizione paleoitalica da Tortora*. Atti dei seminari napoletani, 1996-1998, Quaderni di ostraka, 1, 2, Naples: Loffredo.

LOMBARDO, Mario. 2008. « Il trattato tra i Sibariti e i Serdaioi: problemi di cronologia e di inquadramento storico », in DE SENSI SESTITO, Giovanna (org.), *La Calabria tirrenica nell'antichità : nuovi documenti e problematiche storiche*, La Calabria tirrenica nell'antichità : nuovi documenti e problematiche storiche:219-232, Soveria Mannelli: Rubbettino.

MESKELL, Lynn. 2001. « Archaeologies of identity », in HODDER, Ian (org.), *Archaeological theory today*, Archaeological theory today:187-213, Cambridge: Polity.

*Nouveau choix d'inscriptions grecques : textes, traductions et commentaires par l'Institut Fernand-Courby*. 2005. Paris: Les Belles Lettres.

OBER, Josiah. 1995. « Greek Horoi: artifactual texts and the contingency of meaning », in SMALL, David B (org.), *Methods in the Mediterranean*:

*historical and archaeological views on texts and archaeology*, Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology:91-123, Leiden: Brill.

ORSER JR, Charles E. 2000. *Introducción a la arqueología histórica*. Tradução de ZARANKIN, Andrés, Buenos Aires: Asociación amigos del Instituto nacional de antropología. Primeira edição, 1992.

\_\_\_\_\_ (org.) 2002. *Encyclopaedia of Historical Archaeology*, Londres: Routledge.

OSANNA, Massimo. 1992. *Chorai coloniali da Taranto a Locri : documentazione archeologica e ricostruzione storica*, Rome: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

PARISE, Nicola Franco. 2001. « Intorno alle serie minori d'incusi di AMI, di PAL-MOL e di SO », in BUGNO, Maurizio e MASSERIA, Concetta (orgs.), *Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C. , Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C. :139-143*, Naples: Loffredo.

POLOSA, Annalisa. 2000. « Vecchie e nuove ipotesi sui Serdaioi: una messa a punto ». *Annali di archeologia e storia antica*, n.s. 7, p. 49-59.

PONTRANDOLFO, Angela. 1987. « Un'iscrizione posidoniata in una tomba di Fratte di Salerno ». *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli, Sezioni di Archeologia e storia antica*, IX, p. 55-63.

SCOTT, Joan W. 1986. « Gender: a useful category of historical analysis ». *The American Historical Review*, vol. 91, 5, p. 1053-1075.

SHEAR, Theodore Leslie. 1939. « The campaign of 1938 ». *Hesperia*, 8, p. 201-246.

\_\_\_\_\_. 1940. « The campaign of 1939 ». *Hesperia*, 9, p. 261-308.

SMALL, David B. 1995a. « Introduction », in SMALL, David B. (org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology:1-22, Leiden: Brill.

\_\_\_\_\_. 1995b. « Monuments, laws, and analysis: combining archaeology and text in Ancient Athens », in SMALL, David B. (org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology:143-174, Leiden: Brill.

\_\_\_\_\_. 1999. « The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean », in FUNARI, Pedro Paulo Abreu, HALL, Martin e JONES, Siân (orgs.), *Historical Archaeology: back from the edge*, Historical Archaeology: back from the edge:122-136, Londres: Routledge.

TAGLIENTE, Marcello e LOMBARDO, Mario. 1985. « Nuovi documenti su Pisticci in età arcaica. 1. Lo scavo, 2. Il graffito ». *La parola del passato*, 223, p. 284-307.

TALIERCIO MENSITIERI, Marina. 2001. « La monetazione degli Enotri », in BUGNO, Maurizio e MASSERIA, Concetta (orgs.), *Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C.*, Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C.:117-137, Naples: Loffredo.

THOMPSON, Homer A. 1968. « Activity in the Athenian Agora: 1966-1967 ». *Hesperia. The Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, 37, 1, p. 36-72.

VAN EFFENTERRE, Henri e RUZÉ, Françoise. 1994. *Nomima : recueil d'inscriptions politiques et juridiques de l'archaïsme grec. Vol. I, Cités et institutions*. Collection de l'École française de Rome, 188, Rome: École française de Rome.